



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Físico Prodigioso', de Jorge de Sena]

Maria Theresa Abelha Alves

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Theresa Abelha Alves, "[Recensão crítica a 'O Físico Prodigioso', de Jorge de Sena]", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 193-195.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

(p. 72-3) — a fechar com chave d'ouro este belo livro —, talvez seja na durabilidade do instante, nessa inquietante estranheza que o criador, descontinuamente, persiste. A questão da temporalidade perseguida nestes poemas, edificadas sobre muita da tradição lírica portuguesa, de Camões à contemporaneidade, nasce não somente da marca inapagável da mortalidade e da mínima alegria, mas de reminiscências e premonições esboçadas num teatro circular, onde o ser melancólico revela, dilacerado ou límpido, a sua autenticidade metafísica.

Ana Marques Gastão

NOTAS

- 1 Maurice Merleau-Ponty, *O Visível e o Invisível*, São Paulo, Perspectiva, 4.^a ed., 3.^a reimpr., 2009, p. 54.
- 2 Rui Magalhães, *Infinito Singular. Sobre o não literário*, Alcochete, Textiverso, 2006, p. 97. Refere ainda o ensaísta: «O não literário existe apenas durante um momento — o infinito singular — imediatamente condenado ao desaparecimento, ao apagamento, à substancialização realista ou ideológica», p. 94.
- 3 Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, pref. José Gil, Lisboa, Relógio d'Água, 2000, p. 48.
- 4 Maurice Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Paris, Gallimard, 1945, p. 176.
- 5 Cf. Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*, trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

FICÇÃO

Jorge de Sena

O FÍSICO PRODIGIOSO

Rio de Janeiro, 7Letras / 2009

Escrita no Brasil por um dos mais fecundos e versáteis escritores portugueses, traduzida para vários idiomas e várias vezes reeditada em Portugal, o que demonstra o seu sucesso, a novela *O Físico Prodigioso*

ganha finalmente publicação brasileira, pela editora 7Letras, que tem prestigiado os seus leitores com cuidadosas edições de autores portugueses.

Esta edição da prodigiosa novela está enriquecida com esclarecedor prefácio de Gilda Santos, reconhecida especialista na obra de Jorge de Sena, com a transcrição de parte de um artigo de Maria Alzira Seixo sobre a novela, com dois paratextos do próprio autor já inseridos noutras edições e, ainda, com alentada bibliografia teórica que, certamente, será útil a novos investigadores desta inesgotável obra.

A novela, como o próprio autor confessa, «é desenvolvimento muito ampliado e, se quiserem, muito deturpado de dois ‘exemplos’ do *Orto do Esposo*»: o do homem prodigioso que tinha o poder de curar os enfermos com as virtudes do seu sangue casto, e o do homem que garantia almas para o Diabo, o qual o salva da morte a que fora condenado, porque o sustinha no ar, impedindo que ele fosse enforcado. Os dois «exemplos», que na obra original não têm relação entre si, são reunidos e transformados, apropriados e transgredidos. O primeiro serve de substrato à primeira metade da obra que narra o encontro do belo Físico, nas margens de um rio, com três donzelas que o levam ao castelo onde curará a castelã moribunda e depois ressuscitará quinhentos cavaleiros. O segundo dará ensejo aos capítulos seguintes, onde o Físico e Dona Urraca, a castelã, serão réus do Santo Ofício.

A intolerância e crueldade da Inquisição apresentadas ironicamente na novela exemplificam não apenas as injustiças dos tempos inquisitoriais, mas também as de outros tempos tenebrosos, motivo por que foram interpretadas como crítica política ao salazarismo, vigente em Portugal na época de feitura da novela, e à então emergente ditadura militar brasileira, pois a obra é datada de «Araraquara, Maio de 1964».

Os exemplos medievais são reinterpretados por Jorge de Sena de forma paródica, invertendo, sem no entanto excluir, o sentido figurativo da Idade Média, de modo a suscitar ambiguidades semânticas que polarizam a novela, quer no nível do espaço, quer no das personagens, quer no do tempo, numa contiguidade subversora aditiva e não alternativa; questionadora e não afirmativa (lugares amenos e horrendos, paradisíacos e infernais, altos e baixos?; personagens divinas e diabólicas, castas e pecadoras, inocentes e experientes, venenosas e salvíficas?; dias solares e sombras nocturnas?) que tornam dialéctico o binómio bem e mal, e que instauram um novo exemplo, já não preso a dogmas religiosos e a moralismos castradores, mas herético, erótico e libertário, a comprovar que a dignidade humana está no corpo (no físico) do ser humano e que a plena liberdade também por ele passa.

O enredo da novela, próximo do das novelas de cavalaria, conjuga amor e morte, e focaliza um casal típico: um cavaleiro viajante e uma dama reclusa no castelo à espera do herói libertador. O donzel é solar, iluminado e belo. Ele recebera do Diabo infinitos poderes e possuía um gorro mágico capaz de tornar invisível quem o usasse. Devedor do Diabo que por ele se apaixonara, o cavaleiro deixa-o consolar-se no seu corpo que permanece virgem após o diabólico coito. Num dia em que interrompera a sua jornada para se banhar num rio, três donzelas convidam-no a ir ao Castelo onde a castelã sucumbia a uma doença desconhecida e esperava pelo seu salvador, que deveria possuir três virtudes: ser filho de rei, ser um grande físico e ser virgem. O jovem cura-a mergulhando-a no seu sangue. Entre ele e ela nasce uma paixão sem limites, ascendente e lustral, fora dos parâmetros sociais que canalizam o desejo. Há o triunfo físico do corpo, celebrado por orgias libidinosas e diabólicas.

Mais tarde, o Físico, cansado de se sentir um deus carnal pela satisfação erótica, volta atrás no tempo, mas percebe ser impossível regressar ao passado tal como ele fora vivido. Impossível também era fugir ao destino que, para ele e Urraca, seriam as torturas inquisitoriais, pela acusação de conspirarem com o Demónio contra a lei estabelecida por meio de práticas eróticas e subversivas. As trevas apossam-se de tudo. Os amantes são presos e torturados e Urraca sucumbe após uma noite passada na cela do Físico. Os inquisidores condenam-no à forca, porém não o conseguem matar. Um deles, Frei Antão, convida o Demónio e faz com ele o pacto de dar fim ao processo inquisitorial, deixando o Físico em liberdade. Quando finalmente volta o sol, o corpo dilacerado do Físico arrasta-se até ao lugar onde jazia o corpo da castelã, sobre o qual se deita em funéreo coito, recobrando a antiga beleza para finalmente expirar. A multidão que o seguia vê rosas de sangue e leite nascerem daquele túmulo. O caos e a peste instalam-se, mas não destroem a roseira. Até que um jovem encontra o gorro, põe-o na cabeça e torna-se invisível: um novo Físico, igualmente prodigioso e amante, renasce.

Este enredo, carregado de efeitos fantásticos e maravilhosos, em que o Diabo amoroso e risonho se duplica ora no próprio Físico, ora em Urraca e nas damas, ora nos inquisidores, ilustra como as entidades diabólicas têm um papel dialéctico, por abrir caminhos entre as classes, por desembaraçar conceitos amarrados em sistemas fechados. O Diabo de «riso casquinado» e os seus duplos dinamizam o fluxo dos significados, quebrando as barreiras entre as classes opostas, e tornam-se, simultaneamente, manifestações absolutas da força erótica que pulsa na natureza, aproximando tudo. Tal função conjuntiva e mediadora confere ao Diabo (de *diabolos*, o que se põe no meio) o seu sentido

etimológico. Este irromper do sobrenatural na «normalidade» quotidiana, regida pelas convenções e leis, sinestésicamente, torna eróticos sons, cheiros, gostos, visões e toques que na narrativa se encenam e, sobretudo, desvela fracturas e castrações na realidade acatada pelo senso comum, comprovando que não são as obras realistas as que melhor informam sobre o que constitui a mais profunda realidade, e, sim, as fantásticas.

Se a prodigiosa subversão erótica/diabólica se localiza no corpo das personagens e no quadro referencial, localiza-se, igualmente prodigiosa, no corpo do texto, criando também seus espelhos e duplos, mediante repetições, variações, paralelismos, espelhamentos, experimentalismo formal e muitas bifurcações, num processo inteligente de dialogismo. Uma bifurcação é a genérica que faz o registo lírico (uma barcarola paralelística, uma cantiga de seguir, trovas de maldizer, um *rimance* cortês e uma canção de gesta, todos da autoria de Sena) conviver com o prosaico de forma funcional, ora antecipando acções, ora as resumindo, ora as espelhando. Outra é de linguagem, pois o português arcaico dos textos líricos mescla-se com o moderno do texto em prosa, e o vocabulário actual convive com arcaísmos. Uma terceira é a da própria matéria contada a partir de uma inovadora técnica de contar: duas colunas postas lado a lado introduzem um narrar paralelo, em tipos gráficos diferentes, o que serve para indicar acções simultâneas e/ou diferentes pontos de vista, ou a oposição entre sonho e realidade. Ao oferecer duas versões de uma mesma aventura, a obra, prodigiosa e diabolicamente, duvida de verdades monológicas.

O dialogismo da novela comprova-se também pelo enredado tecido intertextual. Além dos «exemplos» já mencionados, a obra vale-se de muitas outras referências, num criativo jogo de fricções.

Glosa os *Contos Tradicionais do Povo Português*, apropriando-se de vários temas (gorro mágico que torna invisível o portador, sangue com poderes curativos, transformação em vegetal do corpo morto e enterrado), glosa os *Romances Ibéricos*, reaproveitando alguns dos temas carolíngios, como o do herói que não repousa das lides do amor por ser dotado de extraordinária potência, ou o que decreta que os que morrem pelos excessos da paixão amorosa não se enterram em campo sagrado (o Físico e Urraca são enterrados na vala, local impuro, que reduplica a esterqueira onde foram enterrados os amantes das damas do castelo), glosa a lenda de Fausto, faz dialogar em epígrafe duas obras completamente opostas, uma devota, do Padre Manuel Bernardes, outra sacrílega, de Rimbaud. Este entrançado tecido textual ainda recorre a um universo simbólico-imagístico muito rico que, ao mesmo tempo, propõe enigmas e fornece pistas para os resolver. O jogo do Tarot, as pinturas de Bosch ou as do Duque de Berry, os ensinamentos da Cabala e da Alquimia fazem parte destes caminhos de interlocução, num hábil concerto que reinterpreta, inverte e recria. Tudo isso dá a *O Físico Prodigioso* um grande fascínio e a certeza de que, como todas as grandes obras, esta nunca esgotará o que tem a dizer aos seus leitores, instigando-os sempre a novas leituras tão encantadas como a primeira.

Maria Theresa Abelha Alves

José-Augusto França
A GUERRA E A PAZ

Lisboa, Editorial Presença / 2009

Tendo José-Augusto França publicado em fins de 2009 um romance que intitula *A Guerra e a Paz*, o leitor benévolo, invocado em epígrafe inicial, não pode deixar